

## O LIXEIRO

Juca acordava cedinho cedinho todos os os dias. Ele era lixeiro e começava a trabalhar logo que o dia amanhecia.

Pedro dirigia o caminhão e Juca ia parando nas casas e apanhando os sacos de lixo para virar na caçamba.

Quando passava pelas casas, ele gritava:

\_ O lixo! Vim buscar o lixo! - e pegava rapidamente os sacos de plásticos e as latas.

Juca ficava com mal cheiro, enquanto trabalhava, porque o lixo tem um cheiro forte e, de tanto pegar o lixo, ele acabava ficando com um cheiro meio desagradável. Mas, quando o serviço terminava, ele tomava um bom banho e se arrumava, ficava tão limpinho e perfumado, que nem parecia que havia recolhido lixo o dia inteiro.

No bairro do jardim, havia uns meninos muito mal educados, eles gostavam de por apelido indelicado nos outros. E sempre que estavam presentes, quando Juca pegava o lixo, Paulinho, um deles, gritava:



\_ "O lixeiro é um lixo! O lixeiro é sugismundo! Juca lixo! Juca lixo!

E todas as crianças repetiam, gritando também:

\_ "O lixeiro é um lixo!. O lixeiro é sugismundo! . Juca lixo! Juca lixo!

E, assim, as crianças não o respeitavam como pessoa, elas o julgavam pelo seu trabalho, como se ele também fosse um lixo.

Juca ficava sempre muito triste quando passava por lá e as crianças estavam presentes, mas não dizia uma palavra. Abaixava a cabeça e subia no caminhão. E Pedro, o motorista, falava zangado:



\_ Dá um grito para essa meninada parar com isso, Juca! Que desaforo! Vai lá e reclama com os pais deles...

Entretanto, Juca não respondia nada.

Um dia, um carro vinha descendo a rua em alta velocidade e os meninos, se espalharam correndo. Da porta da casa de Paulinho, Cristina, a irmãzinha de três anos, vinha fugindo para a rua. No passeio as pessoas gritavam, sem coragem de pegar a criança.

Juca, ao ver a situação, disse a Pedro:

\_ Espera aí, Pedro. Pára esse caminhão.

E Juca saltou depressa, correu em direção à menininha que atravessava a rua exatamente na frente do carro em velocidade. Com a mão, jogou-a em direção ao passeio, mas não conseguiu desviar-se completamente e recebeu uma forte batida nos ombros, caindo ao chão.



De dentro das casas, atraídos pelo barulho e pelos gritos dos que passavam, todos correram para saber o que havia acontecido. A mãe de Cristina, vendo a filha caída, chorava e apertava-a nos braços e dizia repetindo:

\_ Graças a Deus! Graças a Deus! Graças a Deus!

Um dos meninos explicou:

\_ Dona Júlia, foi o Juca que salvou a Cris. ele está caído na rua.

\_ Juca?!

\_ É... o lixeiro.

Paulinho tampou o rosto com as mãos e começou a chorar.

Dona Júlia aproximou-se e todos se calaram. Pedro explicou:

\_ Meu amigo Juca está muito machucado, dona! Foi salvar a filha da senhora e se arrebentou. Vou ver se levo ele pro hospital. O Pobre coitado não tem ninguém no mundo...

\_ Por favor, Senhor, eu gostaria de levá-lo no meu carro. O senhor vem comigo. Meu irmão é médico e poderá



cuidar do Juca.

Chegando ao hospital, Juca foi atendido e por sorte, somente havia somente tido algumas escoriações e quebrado o braço.

Quando chegaram trazendo Juca de volta, com os braços engessados, Paulinho abaixou a cabeça, envergonhado e lhe pediu desculpas pelo que sempre lhe falava.

Juca apenas sorriu, e todos compreenderam que ele perdoara Paulinho. Naquele coração humilde não havia lugar para ódios , mágoas e ressentimentos. Então Juca e Pedro foram embora.

Juca sarou e ficou amigo da família de Paulinho e de Cristina.

Hoje ele é o motorista da família e o amigo sincero de todos.

E... Paulinho aprendeu a respeitar aquele lixeiro e também a não julgar as pessoas antes de conhecê-las.



(fonte/base: AME/JF)